

O CONGADO E O CORPO QUE DANÇA: CULTURA, RITMO E IDENTIDADE

POR ANA CAROLINA T. A. CARVALHO





AUTORA

ANA CAROLINA DA TRINDADE ALMEIDA CARVALHO

ORIENTADOR

PROF. DOUTOR GUSTAVO PEREIRA CÔRTEZ

BANCA EXAMINADORA

PROF(A). DOUTORA IVANA MONTANDON SOARES ALEIXO

PROF. DOUTOR VAGNER MIRANDA DA CONCEIÇÃO

REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)
EEFTO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
FÍSICA EM REDENACIONAL (PROEF)



SUMÁRIO

Apresentação	4
1.Introdução	5
2.O Congado	6
3.Recurso Educacional	12
3.1.Proposta de Unidade Temática	13
4.Reflexões e Discussão	20
5.Referências Bibliográficas	22
6.Sobre a autora	25

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos este e-book, desenvolvido a partir da unidade temática proposta pela professora Ana Carolina da Trindade A. Carvalho, no âmbito da pesquisa de dissertação “Danças Brasileiras Regionais e o Congado: construção de significados para e na escola”, vinculada ao Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF). Esta produção integra os esforços voltados à formação continuada dos professores da rede municipal de Congonhas/MG, bem como de outros educadores interessados em incorporar essa temática às aulas de Educação Física escolar.

O presente material foi elaborado com a intenção de oferecer bases teóricas e orientações práticas que possam apoiar o trabalho docente, especialmente no que se refere ao ensino da cultura afro-brasileira. Pretendemos, com isso, contribuir para a valorização da diversidade cultural, estimular o respeito às múltiplas identidades presentes na escola e promover debates sobre a relevância de incorporar diferentes manifestações culturais ao currículo.

Neste e-book, o leitor encontrará propostas de atividades, discussões e orientações para utilização em sala de aula. Esperamos que estas contribuições fortaleçam as práticas pedagógicas, ampliem as possibilidades de intervenção dos professores e favoreçam uma educação comprometida com a inclusão e com o reconhecimento da riqueza cultural brasileira.

1.INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de convivência, diálogo e construção de saberes, no qual múltiplas culturas se encontram e se transformam. Nesse contexto, a educação física assume um papel fundamental ao reconhecer o corpo como lugar de expressão, identidade e pertencimento. Longe de se restringir ao desenvolvimento de habilidades motoras, físicas e cognitivas, a disciplina pode contribuir de forma significativa para a formação de sujeitos críticos e sensíveis às diversidades que compõem a sociedade brasileira. Entre as práticas corporais que se inscrevem nesse horizonte, a dança destaca-se por sua potência simbólica e educativa, revelando modos de ser, pensar e sentir que atravessam o corpo e a cultura.

As danças regionais brasileiras, em particular, expressam a riqueza e a complexidade do patrimônio cultural do país. Cada manifestação, marcada por sua história, ritmo e significado, carrega traços das origens étnicas, religiosas e sociais que constituem o Brasil. Quando incorporadas ao ambiente escolar, essas danças podem se tornar caminhos potentes para o reconhecimento da diversidade, a valorização das tradições locais e o fortalecimento de identidades coletivas e individuais. Assim, abordar as danças regionais no ensino da educação física é também discutir o papel da escola na preservação e na reinvenção das culturas populares.

Refletir sobre as danças regionais brasileiras, é refletir sobre a própria educação: sobre o corpo que aprende, sente e comunica; sobre a cultura que se move e resiste; e sobre a escola que pode se tornar, efetivamente, um território de inclusão, diálogo e valorização da diversidade.

Ao direcionar o olhar para manifestações como o Congado, expressão afro-brasileira de profunda relevância simbólica e histórica, estabelece-se uma aproximação entre a cultura popular e o contexto educativo. Essa relação permite reconhecer a escola como um espaço de diálogo entre saberes, no qual se tornam possíveis a preservação, a valorização e a reinvenção das tradições que integram o diversificado patrimônio cultural brasileiro.

2.0 CONGADO

A relação entre a cultura popular e o congado é multifacetada. Primeiramente, o congado é uma expressão de resistência cultural e religiosa das comunidades afrodescendentes, isto é, tem sua origem no continente africano. Nestes termos, Brasileiro (2001) ensina que:

O Congado é um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns e que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas somente ao Rei Congo e depois cristianizadas por influências jesuíticas, mimetizou-se ou paralelizou-se dentro da fé popular brasileira (p. 14).

No Brasil, foi originado durante o período colonial como forma de preservar e celebrar as tradições africanas, mesmo sob a opressão escravocrata.

Segundo Alves (2018),

[...] o congado é uma manifestação simbólica, cultural e religiosa, composto de procissão, levantamento de bandeira, coroação, fardas, espadas, capitães, dança, música, tambores, chocalhos e representações trazidas de África, pelos negros que foram escravizados e relembavam os cortejos dos reis do Congo, que ao chegar no Brasil inseriram elementos europeus católicos em suas apresentações e ao próprio cotidiano, como a religião, a devoção aos santos e ao rosário, em forma de fé e resistência (p. 212).

Segundo afirma Brasileiro (2001):

Na missa conga é introduzido o vivenciar cotidiano do homem Negro; ofertório com rapadura, pipoca e fatias de pão, sendo a Bíblia levada para o altar através de um dançador que aos sons dos atabaques contagia a multidão. A primeira e segunda leitura possuem textos produzidos pela comunidade que reafirma sua negritude ou fala dos preconceitos sociais (p.15).

Brasileiro (2001) ainda explica que, por exemplo, no Alto Paranaíba, em 1847, já existia evidência concreta do Congado, com oito a doze “dançadores”, com tambores, reco-reco e pandeiros para os Congos. Ele ressalta que:

A Igreja Católica proibia qualquer outro tipo de religiosidade e até mesmo os protestantes eram vítimas, sofriam perseguições absurdas quando tentavam instalar se no arraial. Por isso, os negros que evitavam adorar Nossa Senhora, sendo livres ou escravos, eram obrigados pelos donos de garimpos e fazendeiros, a usarem o crucifixo cristão; essa intolerância religiosa chegou a produzir o assassinato do Padre Francisco Goulart, vítima de emboscada em 04/04/1927, devido ao seu conservadorismo político contra os protestantes (2001, p. 19).

Desta forma é possível perceber a conexão entre o catolicismo, enraizado no Brasil e as origens africanas. Nas danças, músicas e rituais do congado, é possível identificar influências do candomblé, da umbanda, do catolicismo e de tradições indígenas, criando uma síntese única da cultura brasileira e especialmente mineira, como no caso apresentado.

Dentro destas tradições, algumas figuras emblemáticas surgiram ao longo da história, como a de Chico Rei. É difícil abordar o tema Congado sem mencionar Chico Rei e vice-versa. Chico Rei ocupa um lugar significativo no imaginário dos praticantes do congado, refletido nas histórias folclóricas dessa tradição. A partir dos anos 1920, sua figura também começou a ganhar destaque como uma maneira de enaltecer o patrimônio cultural de Minas Gerais. Além disso, ele tem sido reinterpretado em movimentos sociais que visam a valorização da população negra nos dias atuais (Faustino, 2020).

Era uma vez um rei africano. Um rei sem coroa, sem espada, sem-terra. De seu, só lhe restara o povo, acorrentado como ele no sombrio porão de um navio negreiro. Sofrera o ataque de um poderoso rei vizinho que lhe cobiçava as terras. Assim, suas aldeias foram incendiadas; seus campos, devastados; e os sobreviventes, vendidos como escravos. E, como um cativo não conserva títulos de realeza, até seu nome de origem o acorrentado perdera (Tanaka, 2015, p. 08).

Tanaka (2015), na obra “A história de Chico Rei”, narra a história de um líder do Congo que no ano de 1740 foi aprisionado junto com seus parentes e membros de sua comunidade em terras africanas e trazido para o Brasil a bordo de um navio dedicado ao tráfico de escravos. Ao chegar, foi vendido para servir como escravo em Vila Rica, na famosa mina de ouro “Encardideira”. Durante seu tempo de serviço, ele conseguiu ganhar o respeito e a confiança de seu proprietário, que eventualmente decidiu conceder-lhe a liberdade. Após conquistar sua liberdade, ele adquiriu uma mina que muitos acreditavam estar esgotada. No entanto, sob sua administração, a mina tornou-se surpreendentemente lucrativa. Além disso, ele prestou auxílio aos seus companheiros, ajudando-os a comprar a alforria, um por um.

Ainda segundo Tanaka (2015), no ano de 1747, durante as celebrações do Dia de Reis, Chico Rei percorreu as ruas de Vila Rica (atualmente a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais) vestido como um rei, liderando seu povo liberto ao som e ritmo dos tambores típicos de sua terra de origem. Acompanhado por todos, ele adentrou a igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz, uma construção que ele próprio havia ordenado erguer. Esse evento marcou a primeira congada em Minas Gerais, que hoje em dia realiza mais de trezentas festividades desse tipo anualmente.

discutir a legitimidade histórica, estética e social das tradições afro-brasileiras. Ao incorporar essas manifestações ao currículo, a escola amplia o repertório cultural dos estudantes, promove a valorização de saberes muitas vezes marginalizados e contribui para formar uma compreensão mais plural e crítica da cultura nacional. Além disso, o trabalho pedagógico com danças de matriz africana favorece o debate sobre racismo estrutural, desigualdades e processos de resistência, estimulando uma postura de respeito e reconhecimento das contribuições das culturas negras na formação do Brasil.

As letras contam histórias de devoção religiosa, resistência cultural e experiências do povo negro no Brasil, transmitindo conhecimento e memória através das gerações, como demonstra música Festa no Congado, de Inezita Barroso (2019):

O terrêro já tá cheio
A roda já começô
Pra fazê festa de preto
O congado já chegô
Binidito é padroeiro
Ele vai é no andô
Dobra o juêio, calunga
Que ele é nosso protetô
Com reis do Congo
E o generá da rainha
Segue o cortejo intê o arraiá
O engenho tá parado
Tá tudo descansado
Nêgo véio vai forgá
E o sereno tá caindo
E o cortejo vai sumindo
É a festa do rei Congá
E o terrêro já tá cheio
A roda já começô
Pra fazê festa de preto
O congado já chego
Binidito é padroeiro
Ele vai é no andô
Dobra o juêio, calunga
Que ele é nosso protetô
Ele é nosso protetô
Ele é nosso protetô

De acordo com o Observatório Patrimônio Cultural do Sudeste (2025):

Buscando uma síntese dessa vasta diversidade de expressões que constituem o Congado, o folclorista Saul Martins – Congado: Família de Sete Irmãos - definiu-o como uma “família de sete irmãos”, isto é, uma grande irmandade formada por sete tradições basilares: o Moçambique, o Congo, o Catopé, o Caboclo, o Marujo, o Vilão e os Cavaleiros de São Jorge. Essa concepção, forjada em meados do século XX, é usada até hoje por muitos congadeiros para traduzirem, em poucas palavras, essa identidade que os une (2025, n.p.).

A vestimenta é outro diferencial, e a personalização das roupas se torna mais simples, permitindo uma maior variedade de tonalidades e combinações. A única regra é que a calça e a blusa sejam brancas, e os sapatos, de preferência, também. Alguns chapéus são feitos de chita, um tecido econômico que apresenta cores vibrantes e estampas geralmente florais, que se relacionam com os símbolos que a vestimenta carrega. As capas também apresentam diferentes texturas e cores, utilizando outro tecido, o cetim, que adiciona brilho e cor ao traje. No entanto, existem elementos que permanecem constantes, como a cor azul e o uso de rosas artificiais nos chapéus, que representam Nossa Senhora do Rosário, além das fitas coloridas nas capas e saias (Lana, Vieira e Leite 2020).

Lana, Vieira e Leite (2020) ainda destaca que a indumentária também serve para diferenciar a hierarquia dentro do congado; nem todos usam capas, apenas os líderes e os corta-ventos. As roupas e chapéus são confeccionados pelas esposas dos congos, que às vezes fazem mais de uma peça, ou por costureiras da cidade.

Durante os festejos, além das danças músicas e sons dos instrumentos percussivos, os congadeiros levam consigo artefatos sagrados – coroas, bandeiras, bastões, cetros, bastões de liderança e estandartes - que imprimem características particulares nas formas pelas quais se manifestam a fé, a ancestralidade e a evocação de memórias, revelando aspectos identitários dos diversos grupos participantes, reforçando o chamado à memória, fortalecendo a união entre os participantes por meio do reconhecimento coletivo de seus significados (Carvalho e Rios, 2023).

O congado, além de incorporar música e dança, também revela uma estrutura social e de autoridade. Em suas celebrações, são apresentados elementos litúrgicos por meio dos reis congos, que simbolizam os santos, bem como as tradições herdadas de seus ancestrais e divindades. Estas celebrações representam maneiras de expressar a identidade e afirmar-se em um ambiente novo e desconhecido. Para os africanos escravizados, essas práticas foram uma maneira de preservar sua cultura e estabelecer simbolicamente seu próprio reino (Alves, 2018).

Percebe-se então que, além de ser uma expressão religiosa e artística, o congado também desempenha um papel importante na coesão social das comunidades onde é praticado, como em Congonhas/MG. As festas de congado são momentos de celebração e confraternização, reunindo pessoas de diferentes idades, origens e crenças em torno de uma tradição compartilhada.

Deste modo, a relação entre a cultura popular e o congado é profundamente enraizada na história e na identidade do povo brasileiro em conexão com o povo africano, através do corpo, em uma profunda reflexão sobre como uma manifestação de resistência, criatividade e diversidade cultural, o congado continua a ser uma expressão vibrante e relevante da riqueza da cultura popular brasileira, mineira e conganhense.

Neste campo, Novaes e Brito (2023), mencionam que:

São esses corpos que se refizeram entre nós. (...) Estes fluxos de formas e concepções sobre o corpo, com múltiplas origens e direções, compõem a potência dos corpos negros e a dinâmica dos rituais afro-brasileiros enquanto produtores de novos sentidos (p. 113).

Ainda segundo os autores:

Tomando a escola e a comunidade congadeira, como espaços de sociabilidade em que crianças sujeitos da pesquisa transitam diariamente, compreendemos que os saberes e valores produzidos pela cultura escolar e pelas culturas afro-brasileiras se entrecruzam na formação de suas corporeidades (2023, p. 109).

Neste sentido, conforme delineado acima é necessário buscar meios de manter a cultura acesa na região, sendo a escola o principal instrumento de difusão e debate cultural, pois insere desde a infância a importância de entender a cultura local e se entender como ser vivente daquele meio. Em seu site oficial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) está realizando o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dessa manifestação cultural.

Todos os seres humanos e os espaços sociais são repositórios de memórias. A História oficial, relegou um papel secundário às populações negras africanas e seus descendentes, apenas lhes remetendo o papel de escravos. Isto criou um estado de desigualdade que dificulta a inclusão e reconhecimento social e cultural desta grande parcela da população na sociedade (Alves, 2018, p. 217).

Transformar o cenário de invisibilidade é fundamental para combater o racismo e o preconceito. Quando as práticas docentes que abordam essas questões são silenciadas, o desconhecimento e a negação se perpetuam. É essencial que os currículos de formação de professores incluam discussões sobre diversidade e inclusão, para que possamos desconstruir atitudes discriminatórias que estão enraizadas na sociedade, buscando promover uma educação mais consciente e crítica.

3.RECURSO EDUCACIONAL

A unidade didática proposta explora elementos históricos, culturais e práticos do Congado, incluindo análise do vestuário, relação com instrumentos de percussão e movimentos característicos do Congado. Esta abordagem temática servirá como um recurso inovador, conectando teoria e prática, além de promover o desenvolvimento integral dos estudantes e a valorização da cultura nacional.

Neste e-book, será utilizado o termo dança regional para referir ao Congado enquanto manifestação expressiva a ser explorada no contexto da educação física escolar. A escolha se fundamenta na nomenclatura utilizada pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que reconhece as danças regionais como conteúdo do componente curricular da educação física, abrangendo práticas corporais ligadas às tradições locais, saberes populares e manifestações culturais dos diferentes territórios brasileiros.

Ainda que o Congado possa ser também classificado como dança popular, folclórica ou brasileira, compreende-se que o termo regional permite um diálogo direto com a proposta curricular nacional, sem desconsiderar sua complexidade histórica, religiosa e étnico-racial. Assim, utiliza-se a dança regional como conceito ao longo do projeto, buscando articular seus aspectos históricos, culturais e práticos, sem esvaziar sua potência enquanto expressão de identidade e resistência da cultura afro-brasileira.

As danças regionais são marcadas por sua tradicionalidade, funcionalidade, enraizamento e prática coletiva. A tradição relaciona-se à passagem do tempo e à sua transmissão através das gerações. A funcionalidade está ligada ao espaço onde a dança ocorre e à importância atribuída pelo grupo ao ato de dançar, promovendo um sentimento de pertencimento e conexão com o mundo ao redor. A prática coletiva refere-se à realização espontânea das ações corporais, cuja existência é condicionada pela aceitação coletiva e identitária do grupo (Côrtes, 2013).

A escola surge como uma instituição que organiza e institucionaliza esses saberes, com a função de transmitir e assimilar esses conhecimentos para as novas gerações. Contudo, a escola não deve apenas comprometer-se com a difusão desses saberes, mas também fomentar meios que os tornem acessíveis aos estudantes. Nesta perspectiva, a dimensão cultural é um dos pilares da educação escolar, permeando todas as suas ações cotidianas, desde a organização e gestão até a formação curricular e práticas pedagógicas.

3.1. PROPOSTA DE UNIDADE TEMÁTICA

A proposta da unidade didática toma como ponto de partida as práticas corporais associadas a cultura do Congado, visando favorecer o protagonismo dos estudantes ao possibilitar o acesso a valorização de sua própria história. Tal abordagem contribui para a construção de novas possibilidades pedagógicas, incorporando ritmos, linguagens e expressões diversas, criando um espaço de desenvolvimento crítico e de respeito às diferenças, aspectos fundamentais para a formação educativa. Assim, considerando a escola como um ambiente de socialização e transmissão sistematizada de saberes, a inserção do Congado enquanto expressão da cultura corporal e popular apresenta-se como uma estratégia significativa para o desenvolvimento humano dos alunos.

Este estudo busca contribuir com a educação física escolar ao ampliar o repertório cultural e pedagógico das aulas, ao incorporar o Congado como um conteúdo enriquecedor. Essa abordagem visa oferecer aos professores uma base teórica e prática para a utilização criativa e significativa das danças regionais em sala de aula. Além disso, pretende estimular reflexões acerca da relevância das manifestações culturais brasileiras no processo de ensino-aprendizagem. Apesar dos obstáculos que podem surgir na implementação de novas práticas pedagógicas, a pesquisa tem o potencial de abrir novos caminhos para a valorização das danças tradicionais brasileiras no ambiente escolar, promovendo o fortalecimento da cultura local e sua integração no currículo escolar.

A unidade didática sugerida é voltada para o 4º e 5º ano do ensino fundamental. A proposta dessa UD está alinhada com o eixo temático Práticas Corporais de Dança da BNCC, voltado as danças regionais. As habilidades a serem desenvolvidas por essa UD são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Habilidades a serem desenvolvidas na unidade didática “O Congado e o Corpo que Dança: Cultura, Ritmo e Identidade”

Unidade Temática (BNCC)	Unidade Temática / Conteúdo	Habilidades da BNCC (Código e Descrição)	Habilidades Desenvolvidas na Unidade Didática
Dança	Danças Regionais Brasileiras (Congado)	EF15EF04 – Experimentar, fruir e recriar danças de diferentes contextos socioculturais, valorizando-as como práticas corporais de expressão e comunicação.	Vivenciar o Congado como expressão da cultura afro-brasileira; valorizar suas tradições e significados; expressar-se por meio do corpo e do ritmo.
		EF15EF05 – Reconhecer e respeitar as diferenças individuais e coletivas nas práticas corporais, combatendo atitudes de discriminação e preconceito.	Refletir sobre preconceitos culturais e religiosos; promover o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial.
		EF15EF06 – Identificar as origens históricas e os sentidos das práticas corporais em diferentes grupos sociais, compreendendo sua importância cultural.	Compreender a origem africana e católica do Congado e seu papel como manifestação popular de resistência e fé.
		EF15EF07 – Criar e improvisar movimentos corporais, individualmente e em grupo, em diferentes ritmos e espaços, com autonomia e criatividade.	Associar o Congado à comunidade, à religiosidade popular e à identidade afro-brasileira; compreender sua presença nas festas e cortejos regionais.
		EF15EF08 – Relacionar as práticas corporais com o contexto social, ambiental e cultural no qual estão inseridas.	Construir coreografias simples inspiradas no Congado; explorar livremente movimentos, gestos e ritmos.
		EF15EF09 – Participar de situações de aprendizagem cooperativas, respeitando regras, combinados e o trabalho coletivo.	Trabalhar em grupo na confecção de instrumentos e estandartes, na organização do cortejo e nas danças coletivas.
		EF15EF10 – Utilizar diferentes linguagens (oral, corporal, sonora, visual) para expressar ideias e sentimentos sobre as práticas corporais vivenciadas	Expressar-se por meio da dança, música, construção artística e relato oral sobre a experiência com o Congado.

Refletindo sobre o Quadro 1, ao comparar as habilidades previstas pela BNCC para a unidade temática de Dança com aquelas elaboradas na unidade didática “O Congado e o Corpo que Dança: Cultura, Ritmo e Identidade”, percebe-se que as orientações da BNCC funcionam como fundamento estruturante para a definição das habilidades específicas da proposta didática. A BNCC, ao organizar suas habilidades por códigos e descrições que abrangem criação, apreciação, análise e contextualização sociocultural, oferece um referencial amplo e normativo que orienta o ensino da dança em diferentes contextos. A unidade didática, por sua vez, aprofunda esses princípios ao aplicá-los à experiência concreta do Congado, incorporando dimensões simbólicas, históricas e identitárias próprias dessa manifestação afro-brasileira. Dessa forma, as habilidades da BNCC não apenas dialogam com as da unidade didática, mas também fundamentam sua construção, permitindo que a prática pedagógica mantenha coerência com as diretrizes nacionais ao mesmo tempo que valoriza conteúdos culturais específicos. Essa relação evidencia uma complementaridade, onde a BNCC estabelece o que deve ser garantido como aprendizagem dança, enquanto a unidade didática concretiza essas diretrizes por meio de uma abordagem contextualizada, significativa e culturalmente situada.

O objetivo dessa unidade didática é compreender o Congado como prática cultural e corporal brasileira, valorizando suas origens afro-brasileiras, comunitárias e de religiosidade; vivenciar suas danças e ritmos; refletir sobre preconceitos culturais e promover o respeito à diversidade. Essa unidade didática será desenvolvida em 08 aulas, que serão descritas a seguir:

a) Aula 1 – “ O que é o Congado? ” (Mapeamento e problematização)

Objetivo da aula: levantar o conhecimento prévio dos alunos sobre o Congado e outras manifestações afro-brasileiras; identificar discursos discriminatórios ou estereótipos e introduzir o tema da valorização cultural.

Descrição:

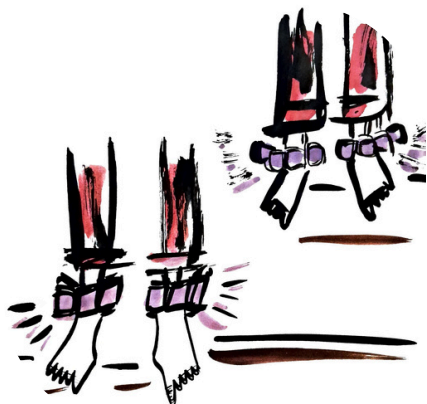
1. Acolhida e conversa inicial (10 min): questionamentos sobre o que os alunos sabem sobre o Congado ou outras danças populares.
2. Apresentação visual (10 min): mostrar imagens e pequenos vídeos (sem áudio inicialmente) de grupos de Congado. Sugestão: “Congado: A festa que dura o ano inteiro”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7oAS3bBn2l0>.
3. Roda de conversa (20 min): levantar percepções dos alunos: o que viram, o que sentiram, o que acharam diferente ou bonito. Mediar falas que revelem preconceitos para reflexão.

4. Encerramento (10 min): explicar brevemente o que é o Congado e sua origem, destacando a mistura de culturas africanas e de religiosidade.

Recursos: projetor, imagens, vídeos curtos de Congado (disponíveis no YouTube ou acervos culturais).

b) Aula 2 – “Ritmo e movimento: o corpo no Congado” (Vivência e expressão corporal)

Objetivo da aula: explorar o ritmo e os movimentos básicos do Congado por meio de jogos corporais e brincadeiras rítmicas.



Descrição:

1. Aquecimento (10 min): jogos rítmicos com palmas e passos simples.
2. Vivência corporal (30 min): ensinar passos básicos do Congado (batidas no chão, deslocamentos e giros); brincar de seguir o “capitão do congado” (um aluno lidera os passos).
3. Relaxamento e conversa (10 min): refletir sobre o que o corpo comunica com a dança.

Recursos: caixa de som, instrumentos de percussão simples (tambor, chocalho, pandeiro).

c) Aula 3 – “Roda de conversa e vídeos: o Congado e sua história” (Aprofundamento cultural)

Objetivo da aula: compreender as origens e significados do Congado e reconhecer sua importância cultural e religiosa.

Descrição:

1. Roda de conversa (10 min): retomar as percepções da aula anterior.
2. Exibição de vídeos e imagens (20 min): mostrar um cortejo de Congado. Sugestão: “Congados de Ouro Preto”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=icvdQTY5hcl> ; “Chico Rei em Movimento - Congada”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yI9f2TxS9mY> .
3. Discussão guiada (15 min): onde surgiu o Congado? Que elementos percebemos (cores, instrumentos, cantos)? Por que é importante valorizar essa cultura?
4. Encerramento (5 min): relacionar o Congado com o respeito às tradições afro-brasileiras.

Recursos: vídeos e imagens de Congado.

d) **Aula 4 - “O som do Congado: construindo instrumentos” (Vivência prática)**

Objetivo da aula: construir instrumentos musicais simples utilizando materiais recicláveis e compreender o papel da música no Congado.

Descrição:

1. Apresentação dos instrumentos (10 min): mostrar fotos de caixas, tambores, chocalhos e reco-recos usados no Congado.
2. Confecção (30 min): tambor com lata e bexiga; chocalho com garrafa pet e grãos; reco-reco com lata e palito.
3. Teste sonoro coletivo (10 min): tocar juntos e perceber os diferentes sons.

Recursos: latas, garrafas plásticas, bexigas, fita adesiva, grãos, tesoura sem ponta.

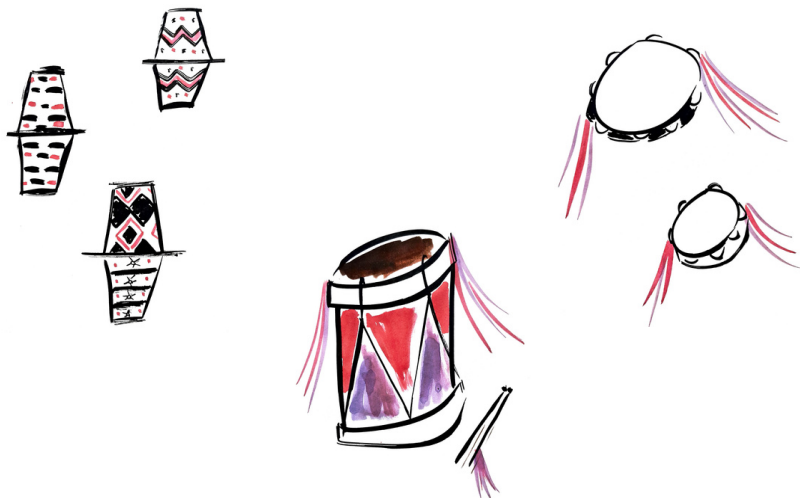
e) **Aula 5 - “Batuque e corpo: dançando com os instrumentos” (Vivência e técnica)**

Objetivo da aula: integrar o ritmo dos instrumentos com os movimentos do Congado, desenvolvendo coordenação e expressão corporal.

Descrição:

1. Aquecimento (10 min): movimentos com batidas no ritmo dos tambores.
2. Coreografia simples (30 min): dividir os alunos em grupos (dançarinos e músicos); criar uma sequência de passos coreografados.
3. Inversão de função (10 min): os alunos que tocavam instrumentos, dançam; quem dançava, passa a tocar os instrumentos.

Recursos: instrumentos construídos pelos alunos, caixa de som.



f) Aula 6 – “Símbolos e cores: construindo estandartes do Congado”

Objetivo da aula: compreender o significado simbólico das cores e dos estandartes e produzir coletivamente bandeiras ou estandartes representativos do grupo.



Descrição:

1. Apresentação (10 min): mostrar imagens de estandartes e bandeiras do Congado, explicando o significado.
2. Produção (30 min): dividir a turma em grupos e criar estandartes com tecidos, papéis coloridos, fitas e colagem.
3. Exposição (10 min): apresentar os trabalhos e explicar seus significados.

Recursos: papel pardo, tecidos, fitas, cola, tesoura, palitos ou cabos de vassoura

g) Aula 7 – “Cantando o Congado: aprendendo as músicas”

Objetivo da aula: aprender e ensaiar cantos tradicionais do Congado, compreendendo suas letras e significados culturais.

Descrição:

1. Aquecimento vocal (10 min): exercícios simples de respiração e ritmo.
2. Apresentação de músicas (15 min): ouvir e aprender canções do Congado (versões infantis e educativas). Sugestões: “Tá caindo fulô”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=T3svrTG0Mcw&list=RDT3svrTG0Mcw&start_radio=1 ; “Aê Angola”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=W7SG8TRdrto&list=PLRAzNq3JOHgirjKk8aUJCq5_AkzsLijzY; “É devagar”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ux4oUYS5n-s&list=RDUx4oUYS5n-s&start_radio=1 .
3. Ensaio coletivo (20 min): cantar com acompanhamento dos instrumentos confeccionados.
4. Reflexão (5 min): o que as letras das músicas comunicam? Fé, alegria, tradição, comunidade?

Recursos: caixa de som, letras impressas, instrumentos.

h) Aula 8 - “Grande cortejo do Congado: celebração e avaliação” (Registro e encerramento)

Objetivo da aula: realizar uma apresentação coletiva simulando um cortejo de Congado, registrando o processo e avaliando a aprendizagem.

Descrição:

1. Preparação (10 min): organizar os grupos com seus estandartes e instrumentos.
 2. Apresentação (20 min): desfile/coreografia pelo pátio da escola com canto, dança e instrumentos.
 3. Registro (10 min): filmagem, fotos, relatos orais.
 4. Reflexão (10 min): conversar sobre o que aprenderam, o que mudou em sua percepção sobre o Congado e o respeito à cultura afro-brasileira.
- Recursos: câmera, celular, instrumentos, estandartes.



Avaliação _

“O Congado e o Corpo que Dança:
Cultura, Ritmo e Identidade”

A proposta de avaliação contempla critérios que reconhecem o caráter formativo da unidade didática e a relevância da expressão cultural dos estudantes, valorizando os processos, as experiências e as aprendizagens construídas ao longo das atividades. Recomenda-se aos docentes observar atentamente a participação nas vivências realizadas em sala, considerando o envolvimento e a disponibilidade dos alunos para explorar os elementos culturais do Congado. Também se sugere a análise da dedicação demonstrada na construção de instrumentos e estandartes, entendida como um indicador de apropriação simbólica e de construção coletiva. A expressividade corporal e musical evidenciada nas danças constitui outro aspecto fundamental, pois revela como os estudantes articulam corpo, ritmo e identidade no contexto da proposta. Além disso, a escuta das narrativas dos alunos, conforme orienta Meira (2023), pode enriquecer a compreensão sobre as percepções e os significados atribuídos à experiência. Por fim, o uso de registros fotográficos, seguindo a recomendação de Pieroni (2020), contribui para documentar o percurso pedagógico e apoiar análises futuras sobre o desenvolvimento da UD e as aprendizagens emergentes.

4. REFLEXÕES E DISCUSSÃO

Na medida em que a educação física escolar se apresenta como um campo que introduz e integra os estudantes na cultura corporal do movimento, torna-se possível formar cidadãos capazes de produzir e reproduzir essas práticas culturais. Para tal, é fundamental que os professores proporcionem aos alunos o acesso às memórias e à história da cultura local, permitindo-lhes apropriar-se desse patrimônio. Dessa forma, os estudantes podem assumir um papel relevante no processo de preservação e fortalecimento dos bens culturais (Gomes, 2020).

Ao avançar para além das manifestações tradicionalmente exploradas e propor o Congado como objeto de ensino, a unidade didática proposta amplia as possibilidades curriculares e reafirma o compromisso da escola com a valorização dos saberes corporais e culturais de matriz afro-brasileira. Tal iniciativa não apenas enriquece o processo educativo, mas também fortalece o reconhecimento da diversidade como fundamento ético e político da formação humana. Ao integrar o Congado ao contexto escolar, promove-se uma educação que reconhece o corpo como território de memória, identidade e resistência, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e sensível às múltiplas expressões culturais que constituem o Brasil.

Espera-se que com a unidade didática “O Congado e o Corpo que Dança: Cultura, Ritmo e Identidade”, as aulas de educação física possam promover o reconhecimento do Congado como prática cultural e corporal brasileira que se fundamenta em tradições afro-brasileiras, comunitárias e de religiosidade, alinhando-se à exigência da Lei 10.639/2003 de inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. A proposta envolve que o Congado não seja tratado na escola apenas como espetáculo ou curiosidade folclórica, mas sim como campo legítimo de aprendizagem corporal e cultural, no qual os alunos se apropriem da simbologia, dos ritmos, das dinâmicas de cortejo, dança e coletividade constitutivas da manifestação, fortalecendo a identidade cultural e favorecendo a construção da cidadania (Brasileiro e Gonzaga, 2025).

Em seu desenvolvimento, a unidade didática propõe vivências práticas das danças e ritmos do Congado, integradas a momentos de reflexão sobre origem, religiosidade e comunidade. Tal dinâmica permite aos estudantes experimentar corporalmente as manifestações, o que favorece o desenvolvimento motriz, a consciência corporal e a compreensão da dança como meio de expressão e ligação com a história e ancestralidade. Martins e Costa Júnior (2025) evidenciam que práticas corporais de matriz afro-

brasileira, o que legitima a proposta de tratar o Congado numa unidade específica.

Espera-se que a unidade didática proposta fomente a reflexão sobre preconceitos culturais, a valorização da diversidade e o respeito às expressões afro-brasileiras no ambiente escolar. O Congado, ao ser incorporado nas aulas de educação física, pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e para a afirmação de contextos culturais historicamente invisibilizados. Investigação sobre a Lei 10.639/03 mostra que, apesar de sua vigência, ainda persistem lacunas no reconhecimento da cultura afro-brasileira nas escolas, o que reforça a importância de estratégias pedagógicas como esta unidade (Palmares et al, 2024).

Refletir o Congado como manifestação da cultura afro-brasileira em Congonhas-MG e demais localidades brasileiras, implica reconhecer não apenas a profundidade histórica e simbólica dessa tradição, mas também a distância entre tal patrimônio cultural e o cotidiano/comunidade escolar. Embora o Congado esteja presente na memória coletiva da cidade, sua integração às aulas de educação física ainda é embrionária, frequentemente limitada a referências pontuais em datas comemorativas. Entretanto, a inserção dessa manifestação no currículo exige não apenas planejamento pedagógico sensível, mas também um movimento de abertura da escola para a cultura local, favorecendo o diálogo entre os saberes comunitários e os saberes escolares. Desse modo, o Congado emerge não só como conteúdo, mas como prática educativa capaz de ampliar a compreensão dos estudantes sobre a diversidade cultural brasileira e o papel da educação física na formação crítica e plural.

Mais do que assegurar a presença da dança, especialmente das manifestações regionais brasileiras no currículo escolar, este estudo evidencia a necessidade de reconhecê-la como parte constitutiva da formação integral dos educandos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente comprometida. Nesse sentido, cabe à educação física escolar promover experiências corporais contextualizadas, que promovam significado para os alunos e se convertam em saberes que favoreçam a autonomia e a atuação responsável para além do espaço da sala de aula. É necessário reconhecer que concluir este trabalho não implica encerrar as reflexões: diante de uma expressão cultural viva, dinâmica e continuamente ressignificada, permanecem abertas as possibilidades de novas indagações, interpretações e caminhos investigativos tanto para a inserção das danças regionais brasileiras nas aulas de educação física escolar, quanto para as potencialidades e barreiras para se desenvolver o Congado na escola.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Igor de Araújo. O Congado e sua participação na preservação e perpetuação da cultura afro-brasileira através dos diferentes campos de atuação. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 12, n. 22, p. 210–223, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/8571>.

BARROSO, Inezita. Festa do Congado. Looks like Music, 2019. 1 arquivo MP3 (3 min 11 s).

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.

BRASILEIRO, Jeremias. Congadas em Minas Gerais. Fundação Cultural Palmares. Brasília, 2001. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/livroCMGerais2001JB.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASILEIRO, Lívia Tenório; GONZAGA, Luan Vitor de Araujo. As danças afro-brasileiras nas aulas de educação física: análise das produções oriundas de intervenções pedagógicas na escola. Corpo Consciência, v. 29, e20033, 2025. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.29.e20033>.

CABRAL, Gladir da Silva; SANTOS, Karolainy Benedet dos . A LEI N° 10.639/03 E O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA: DIÁLOGO COM PROFESSORES DA ÁREA DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS. Revista Educação, Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 76–89, 2023. DOI: [10.30681/recs.v13i1.10516](https://doi.org/10.30681/recs.v13i1.10516). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/10516>. Acesso em: 25 nov. 2025.

CARVALHO, Cleber de Sousa; RIOS, Sebastião. Insignias de Poder na Congada: o uso de objetos sagrados na evocação de memórias negras. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 13, n. 4, e129593, 2023. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/presenca>.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. A Tradução da Tradição nos Processos de Criação em Danças Brasileiras: a experiência do Grupo Sarandeiros de Belo Horizonte. Orientadora: Inaicyr Falcão dos Santos. 2013. 213 p. Tese (doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/735042567/Cortes-Gustavopereira-d-2>.

FAUSTINO, Silnara K. S. Chico Rei: de Arinos ao movimento negro. Revista Em Favor de Igualdade Racial, Rio Branco, v. 3, n. 3, p. 183-193, ago/dez 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/3198#:~:text=Chico%20Rei%20%C3%A9%20um%20lend%C3%A1rio,alforrias%20de%20outros%20negros%20cativos>.

GOMES, Sueli Rodrigues. O ensino das manifestações folclóricas dançantes na Educação Física escolar. Orientador: Antonio Carlos de Miranda. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020. Disponível em <https://proef.uem.br/trabalho-final-unesp -sueli-rodrigues-gomes.pdf>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). História – Congonhas (MG). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1482/> . Acesso em: 11 de nov. 2025.

LANA, Vanessa; VIEIRA, Lorena Oliveira; LEITE, Flaviane. Os símbolos das linguagens artísticas do congado de Paula Cândido. Revista ELO – Diálogos Em Extensão, Viçosa, v. 9, p. 1–16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21284/elo.v9i.1283>.

MARTINS, Moniky de Carvalho; COSTA JUNIOR, Edson Farret da. Corpo, cultura e ancestralidade: a valorização da cultura afro-brasileira na educação física escolar. International Journal for Innovation Education and Research, v. 7, n. 1, e20200561, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.51995/2675-8245.v7i1e20200561IJPE>.

MEIRA, Juliana Machado de. Ciclos festivos na escola: encantamentos por meio das danças brasileiras. Orientadora: Andressa de Souza Ugaya. 2023. 233 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2023. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/009640bc-5c53-477e-987a-a489ddfc6ae4/download>.

NOVAES, Fernanda Abbatepietro; BRITO, José Eustáquio. A dança como elemento constitutivo da corporeidade de crianças negras dos reinados. In: CHAVES, Elisângela; Côrtes, Gustavo Pereira. Dança, conexões, dispersões e travessias. 1ª edição. Campinas: Mercado de Letras, 2023. p. 107 - 131.

OBSERVATÓRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO SUDESTE. Uma "família de sete irmãos" e sua devoção ao Rosário. Disponível em <https://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/congado>. Acesso em 09 jul. 2025.

PALMARES, Luciano; PALMARES, Renata; ALVARENGA, Claudia; BARBOSA, Inês. História e cultura afro-brasileira na escola: duas décadas da Lei 10.639/2003. Revista Leph, v. 1, n. 41, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v1i41.61932>.

PIERONI, Camila Bloise. Danças tradicionais brasileiras: uma experiência no ensino médio de tempo integral. Orientadora: Andresa de Souza Ugaya. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/da28d731-afe7-449a-956b-d67c7e4343ec/download>.

TANAKA, Béatrice. A história de Chico Rei. 2ª. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

6.SOBRE A AUTORA

Professora, bailarina e coreógrafa, Ana Carolina da T. A. Carvalho é graduada em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) pela UNIFASAR, especialista em Atividade Física para Pessoas com Deficiência pela UFJF e mestre em Educação Física Escolar pela UFMG. Atua como professora e coreógrafa na escola de dança do Clube Recreativo Dom Pedro II e é diretora do Núcleo de Dança e Arte Carol Trindade, espaço dedicado à formação e à criação artística.

Desde 2011, integra a rede municipal de ensino de Congonhas/MG como professora efetiva de Educação Física na Escola Municipal José Cardoso Osório, situada ao lado de importantes cartões-postais do estado e do país — a Romaria e o Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, com as obras-primas de Aleijadinho. Esse ambiente, repleto de referências culturais, inspira diretamente seu trabalho, voltado para turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, tanto no ensino regular quanto no integral. Em sua prática docente, dedica-se a desenvolver processos criativos e participativos, valorizando a expressão e o envolvimento das crianças.

Traz da própria infância memórias vivas de brincadeiras de rua. Essas experiências marcaram sua relação com o movimento e reforçaram seu interesse por compreender o corpo para além da ação física, considerando sempre a totalidade e a pluralidade de cada indivíduo. Para a autora, a educação física é um espaço diário de transformação. Acredita que, ao se conectar com o outro, amplia não apenas as possibilidades de aprendizagem física e social, mas também sua própria compreensão sobre o mundo, tornando-se uma pessoa e uma profissional melhor.

Chegar até aqui reafirma que cada esforço valeu a pena e fortalece seu compromisso com uma educação física escolar de qualidade, inclusiva e comprometida em promover experiências de ensino e aprendizagem significativas para todos. Além de sua trajetória acadêmica e profissional, Ana Carolina é mãe da Clarisse, uma menina linda que a inspira, diariamente, a continuar evoluindo como pessoa e como educadora.

